

A sociologia dos sistemas de sinais, a Folkcomunicação e a questão da identidade indígena¹

Francisco José da Silva ROCHA FILHO²

Gilmar SANTANA³

Universidade de Federal do Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

Neste trabalho buscamos trazer uma discussão acerca da questão da identidade indígena contemporânea, tema levantado pelos povos indígenas do Rio Grande do Norte durante diversos eventos realizados neste ano de 2018. Na primeira parte, traçamos um paralelo entre a sociologia dos sistemas de sinais, abordada por Raymond Williams, e a questão da identidade indígena contemporânea. Em seguida, trazemos uma discussão acerca da possível ligação entre a Folkcomunicação e esta temática. Como metodologia utilizamos o estudo bibliográfico e a observação participante. Durante o desenvolvimento de estudo etnográfico em uma comunidade indígena e participação em eventos, onde público-alvo são os índios de diferentes comunidades do estado do RN, percebemos que a inquietação deste grupo acerca do imaginário social estereotipado de índio é bastante intensa.

PALAVRAS-CHAVE: identidade indígena; sistema de sinais; Folkcomunicação; sociologia; comunicação

INTRODUÇÃO

Na sessão Planeta Bizarro do site G1, da Rede Globo, traz a notícia de que um jovem, durante visita ao Museu de Arte Moderna, no Estado da Califórnia (EUA), ao se questionar sobre algumas obras expostas, e discutir o possível enquadramento no conceito de arte, decidiu colocar um óculos no chão para confundir outros visitantes. O experimento funcionou. Um homem chegou a se ajoelhar para fotografar os óculos e

1 Trabalho apresentado no GT 04 - Folkcomunicação, do PENSACOM BRASIL 2018. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, graduado em Comunicação Social com habilitação em jornalismo. email: franciscorochajorn@gmail.com

³ Professor Associado I da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pós-doutor em Ciências Sociais (*University of Cambridge*). Email: gsfz@hotmail.com

outras pessoas confundiram o objeto como sendo parte das obras de artes presentes no museu.

No site da revista EXAME uma matéria traz a discussão sobre o que é lixo e o que é arte e como exemplo traz a notícia de que a instalação do Damien Hirst foi parar no lixo, após um funcionário ter confundido o material utilizado – copos de café pela metade, garrafas de cerveja vazias e jornais espalhados – com restos de uma festa do dia anterior. O equívoco foi reparado e o artista achou a situação cômica.

Essas notícias são apenas dois exemplos em um universo de histórias similares que vêm acontecendo. Há no ambiente digital diversos exemplos sobre obras de artes terem sido destruídas por pessoas que não entenderam a manifestação artística. É notório que artistas têm buscado cada vez mais diminuir a tensão entre a arte e a realidade causando esses fenômenos na sociedade.

No livro “Cultura”, do crítico marxista inglês Raymond Williams, no capítulo 5 intitulado Identificações, o autor engaja diversas discussões sobre o estudo da sociologia e o universo das artes. Nos ateremos neste trabalho a discussão trazida sobre a noção de “arte” e “não-arte” e da sociologia dos sinais dos sistemas de sinais.

Na obra, o autor busca enfatizar o fato de que, muitas vezes, alguns sinais são fornecidos para identificarmos uma manifestação artística. Para justificar a assertiva Raymond Williams recorre a história e contextualiza esse uso de sinais. O crítico marxista apresenta exemplos – que discutiremos a seguir – e nos faz perceber como esses sinais indicativos nos encaminham para uma aceitação sobre o fenômeno se enquadrar como arte.

É de nosso interesse nos apropriarmos desta perspectiva do autor – onde sinais são fornecidos e há uma aceitação sobre uma ideia – para discutirmos aqui sobre a aceitação social em grande escala da identidade indígena sem que sinais sejam obrigatoriamente apresentados.

Sendo assim, esse trabalho objetiva discutir se a sociedade aceita a identidade indígena mesmo que esse índio não corresponda a um imaginário formulado por meio de estereótipos, mitos e frutos de uma colonização de ideias. Pensamos, ainda, qual o possível elo da Folkcomunicação com esta temática. Visamos, ainda, contribuir para os estudos da cultura e engajar um debate sobre questões da identidade indígena em um universo globalizado.

A SOCIOLOGIA DOS SISTEMAS DE SINAIS EM RAYMOND WILLIAMS

Traremos de maneira resumida as contribuições de Raymond Williams sobre a sociologia dos sistemas de sinais interpretadas e sistematicamente orientadas para construção de nossos objetivos. Os apontamentos aqui estabelecidos buscam dialogar com a parte seguinte deste trabalho, que trata da problemática da identidade indígena quando não corresponde aos sinais estabelecidos socialmente.

Elementarmente, Raymond Williams antes de abordar a questão dos sinais para indicar manifestações como sendo artística ou não traz para discussão a concepção de arte e não-arte. Para o autor essas distinções correspondem a variáveis internas que fazem com que a concepção estabelecida sobre algo seja determinada. Vejamos nas palavras do autor:

As distinções entre arte e não-arte, ou entre intenções e repostas estéticas e de outro tipo, bem como aquelas distinções mais flexíveis por meio das quais elementos de um processo, ou intenções entrepostas, são encarados, em casos concretos, como dominantes ou subordinados, podem então ser vistas como são historicamente: como formas sociais variáveis no interior das quais as práticas relevantes são percebidas e organizadas. Assim, as distinções não são verdades eternas, ou categorias supra históricas, mas elementos concretos de um tipo de organização social. (WILLIAMS, RAYMOND, 1992, p. 129).

Quem determina o enquadramento de uma manifestação ou obra como sendo artística? Críticos, o próprio artista, a mídia, os gerentes das artes? a problemática envolvendo a concepção de algo como fruto de manifestação de arte é intensa. Há interesses diversos para que algo seja concebido enquanto arte – sejam esses interesses financeiros, pessoais ou políticos.

Nesse sentido, consideramos importante contribuição do Williams (1992) sobre o assunto é de que a assimilação enquanto arte corresponde a elementos de uma organização social e de que não são “verdades eternas”. O que é produzido hoje como não-arte poderá em um futuro próximo ser aceito como arte. Isso, dependerá da assimilação social da época corresponder aquilo como sendo artístico. Raymond William (1992, p. 129) acrescenta que “na verdade, a primeira forma profunda da organização da arte é, nesse sentido, a própria percepção social da arte”.

Após essa discussão, o autor entra propriamente na questão dos sinais. Objetivamente, estes sinais correspondem como se fossem pistas para que as pessoas entendam que o que será encarado como arte. Raymons Willimas (1992, p. 130) coloca

que “os tipos mais comuns desses sinais são os da ocasião e do lugar. Eles atingem suas formas mais simples, por serem as mais especializadas, em sociedades maios ou menos complexas e seculares”.

Nessa discussão, o autor exemplifica como obras de artes deslocadas de galerias perdem seu valor artísticos e contrário também se torna verdadeiro, ou seja, coisas que não correspondem socialmente a algo artístico serem dotados de relevância para as artes por estarem dentro de galerias ou museus.

O teatro, o erguer das cortinas, a disposição das cadeiras, o figurino dos atores são exemplos apresentados pelo autor para indicar a existência desses sinais. Ainda segundo o autor, mesmo que remontemos um passado distante, ainda sim, é possível identificar sinais mesmo que sejam complexos e diferentes.

É interessante pensarmos agora como esses sinais se organizam. Como assimilamos os sinais e como passamos a entendê-los é objeto de discussão do Raymond Williams. Vejamos:

Muitos sistemas de sinais, como vimos, atuam diretamente, na verdade necessariamente, dentro das condições de sua ordem social e cultural mais geral. Mas também constitui fato fundamental no desenvolvimento da arte que alguns tipos de sinais sejam internalizados, ou sejam de fato em grande parte desenvolvidos internamente, dentro das formas de arte (WILLIAMS, Raymond. 1992, p. 136)

Dessa forma, é importante pensarmos ainda que os sinais compreendidos internamente também são constituídos pela própria arte. Essa compreensão alarga as possibilidades de entendimento dos sinais impostos aos consumidores de arte.

Nesta parte, para compreensão de nossos objetivos, é interessante que o leitor compreenda que a existência de sinais direciona a compreensão do espectador sobre o que se está vendo. O problema que visualizamos quanto a isso é de que nos tornemos adestrados a sinais e passemos a entender as coisas, somente, a partir dos sinais que nos são colocados.

Dotar de relevância apenas aquilo que são dados como relevantes, por meio de sinais é produzir certas manifestações como irrelevantes ou, até mesmo, como inexistentes apenas por uma não correspondência a sinais. Dessa forma, vamos produzindo invisibilidades, negações e, conseqüentemente, formas de violência.

A NECESSIDADE DE SINAIS PARA PERCEPÇÃO DE UMA IDENTIDADE INDÍGENA

Durante o 5º Ciclo de Estudos e Debates em Etnologia Indígena da UFRN⁴, que teve como tema: Os direitos indígenas e a Constituição Federal de 1988: 30 anos depois, houve um debate acalorado sobre a identidade indígena. Povos originários do Estado do Rio Grande do Norte estiveram presentes nas atividades do evento e apontaram a dificuldade em serem reconhecidos enquanto indígenas.

O imaginário criado socialmente, os estereótipos trabalhados historicamente na mídia, os mitos espalhados em esfera popular sobre os índios e diversos outros fatores contribuíram para formulação de uma imagem que não corresponde ao real. A ideia de que índios vivem em ocas de palhas, que andam pelados e que comem pessoas em rituais continuam a ser disseminadas em âmbito popular.

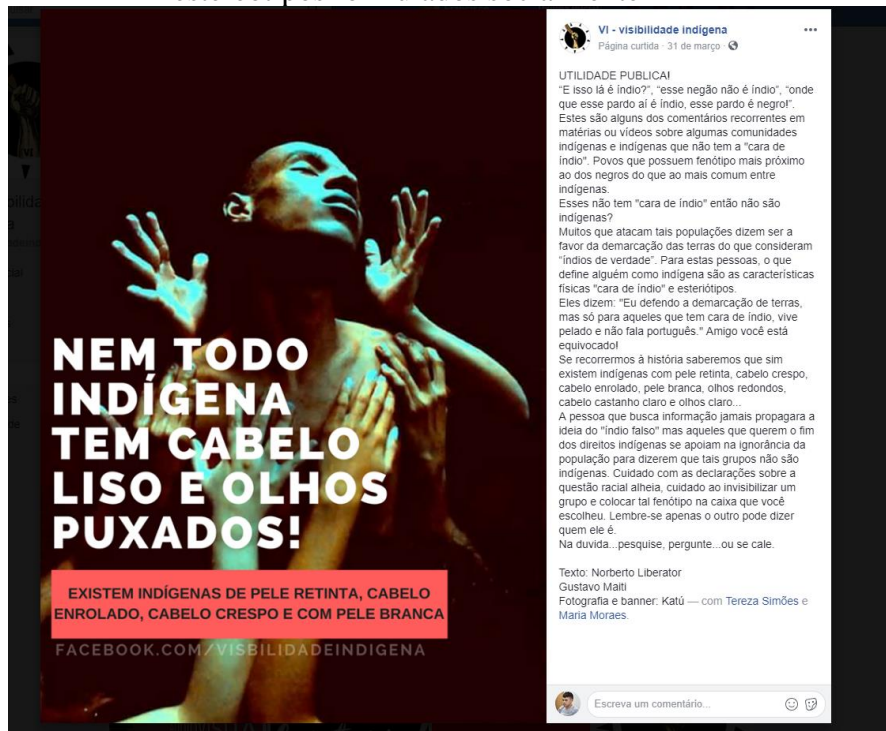
Há uma dificuldade da sociedade em aceitar um índio quando este não se encontra dentro desse imaginário fruto de uma educação colonial. Existe uma distância entre o que as pessoas compreendem como índio e o que realmente temos hoje como povo indígena.

Em visita a página VI – Visibilidade Indígena no Facebook⁵ encontramos posts que correspondem a essa crítica dos indígenas sobre a concepção criada sobre eles. Nem sempre o que se foi estabelecido como índio corresponde ao real.

⁴ Evento realizado pela UFRN, departamento de Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, GIRS e ETAPA, com patrocínio da CAPES e do Governo do Brasil, entre os dias de 28 a 30 de maio de 2018.

⁵ <https://www.facebook.com/visibilidadeindigena/>

Figura 1- Demonstra a indagação dos índios em não corresponderem aos estereótipos formulados socialmente



Fonte:

<https://www.facebook.com/visibilidadeindigena/photos/a.766876746770576.107374182.8.766852743439643/907777042680545/?type=3&theater>

É possível perceber nesta imagem que o estereótipo que o senso comum tem sobre o índio não corresponde ao que diz na imagem. A concepção de um índio branco, de cabelos lisos e olhos puxados não resume a existência de todos os tipos de índios existentes na realidade.

Figura 2- Indagações do senso comum sobre os índios



Fonte:

<https://www.facebook.com/visibilidadeindigena/photos/a.766876746770576.1073741828.766852743439643/767549873369930/?type=3&theater>

Nesta outra imagem percebemos entre aspas falas advindas do senso comum replicado mitos e inverdades sobre o que vem a ser o índio. É interessante observar no *printscreem* que trazemos como as pessoas interagem com esse tipo de postagem de uma maneira engraçada. Isso, por ser muito deturpada a ideia sobre o índio.

É interessante observar como se faz necessário que sinais apareçam para que as pessoas passem aceitar a identidade indígena. Durante o evento sobre o estudo em etnologia indígena na UFRN, os povos originários falaram sobre um processo de aculturação que sofre quando transitam em zonas urbanas (não-indígenas), pelo fato de sua identidade ser ignorada.

Dessa forma, eles compreendem que só são indígenas nas suas zonas de convívio ou em terras de parentes (palavra que utilizam quando falam de outros índios pertencentes a tribos diferentes da sua). É como se a sociedade colaborasse para um

processo de opressão de identidade. Mas há resistência. Onde transitam buscam abordar essa questão elencando as contradições e se auto afirmando.

A FOLKCOMUNICAÇÃO E A QUESTÃO DA IDENTIDADE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

A discussão acerca da identidade indígena contemporânea começou nos inquietar a partir da aproximação com o movimento indígena. Essa imersão acontece, tendo em vista a problemática de pesquisa do nosso projeto de dissertação, onde buscamos desenvolver um estudo etnográfico comunicacional na comunidade indígena de Santa Terezinha, situada no município de João Câmara, no Rio Grande do Norte (o estudo encontra-se em estágio de desenvolvimento).

Durante o trabalho etnográfico e presença em eventos ouvimos muitos indígenas relataram uma não correspondência entre o imaginário social do índio e a forma como eles se apresentam hoje. Para eles, a sociedade os negam enquanto povos tradicionais a partir do momento em que buscam características físicas específicas que não correspondem aos índios da região nordeste.

Em entrevista durante a Festa da Batata⁶, o Luiz Catu, cacique da comunidade dos Catu dos Eleotérios, situada no município de Canguaretama, disse que ao adentrar espaços institucionais busca “plantar uma semente” sobre a questão da identidade indígena dos povos tradicionais do Rio Grande do Norte. O cacique diz que quando fala não tem a pretensão de acabar com todo o preconceito e com o imaginário criado pela sociedade de apenas um tipo de índio, mas que busca estimular a reflexão dos que estão presentes nestes locais.

Nesse contexto de discussão elaboramos para esta parte do trabalho a seguinte inquietação: qual o eixo de ligação entre a questão da identidade indígena contemporânea e a Folkcomunicação?

Buscamos inicialmente fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o que foi publicado dentro dessa perspectiva, em seguida apresentaremos conceitos e discussões realizadas por teóricos da Folkcomunicação dentro da temática e finalizaremos com

⁶ Realizada no dia 01/11/2018, na comunidade Catu dos eleotérios.

uma reflexão sobre como os objetos folkcomunicacionais podem auxiliar nesse processo.

A Folkcomunicação é uma ciência brasileira que busca investigar o atrelamento entre o folclore e a comunicação, mas tendo como eixo de observação central o processo comunicativo. Segundo José Marques de Melo (2007, p. 21) a Folkcomunicação “é um segmento inovador de pesquisa latino-americana no âmbito das ciências da comunicação”. O fundador dessa ciência é o professor Luiz Beltrão (1918-1986). O marco teórico é sua tese de doutorado defendida na Universidade de Brasília (UNB), no ano de 1967.

Neste trabalho iremos apontar conceitos, expressões populares e diálogos sobre comunicação e cultura dentro dos estudos em Folkcomunicação⁷ e sua pertinência com a questão da identidade indígena contemporânea. Ainda, indicaremos iniciativas dos povos originários, que utilizam o ciberespaço para difusão de informações no tocante a cultura indígena.

Acerca desta temática encontramos os seguintes conceitos e expressões trabalhados pela Folkcomunicação: Grupos Marginalizados (WOITOWICZ, 2007), Identidades Culturais (DIAS, 2007) e Hibridismo Cultural (SILVEIRA, 2007).

Abordando o conceito de Grupos Marginalizados trabalhado por Luiz Beltrão Woitowicz (2007) aponta as oscilações no conceito desta expressão que vai da observação de diferentes culturas até a pontos pejorativos sobre os “marginais”. Na obra de Beltrão o termo é empregado para se referir a grupos que contestam a cultura dominante.

Quando se articulam para se manifestar no *Facebook*, os indígenas estão fazendo uso de uma ferramenta hegemônica mas buscando subverter a lógica. No sentido de que estão pautando assuntos que não são abordados pela mídia tradicional. Dessa forma, podemos entendê-los como grupos marginalizados, tendo em vista que se contrapõem a lógica dominante.

Um dos exemplos disso acontece na Comunidade Indígena de Santa Terezinha⁸, durante reunião, os membros da associação decidiram criar uma página para divulgar as

⁷ Estes principais conceitos serão explicitados utilizando como fonte de embasamento teórico o livro “Noções Básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos e expressões”, publicado pela editora da UEPG, no ano de 2007.

⁸ Comunidade localizada no município de João Câmara, no Rio Grande do Norte.

ações do grupo. O moderador da página é o cacique Dioclécio Costa, que tem 25 anos de idade. Além de fazer a divulgação a página serve como um mecanismo de articulação com movimentos indígenas nacionais, divulga aspectos inerentes a cultura indígena e recebe mensagens de curiosos sobre os costumes do povo Mendonça.

Nos diálogos sobre comunicação e cultura surge outro termo que foi trabalhado por Renata Dias que é o de Identidades Culturais. A autora aborda a questão pensando na diversidade cultural. “Reconhecer a existência de múltiplas identidades culturais é afirmar o direito à diferença, o direito a possuir características, costumes, hábitos diferenciados – inclusive dentro do mesmo território” (DIAS, 2007, p. 143).

Essa reflexão nos ajudará a pensar nas diferentes características que os povos originários possuem. Estereotipar o povo indígena como correspondente de apenas características peculiares que estão no imaginário social é reduzir a diversidade das diferentes etnias.

Dias (2007) faz, ainda, uma discussão sobre as relações interculturais que estão sendo facilitadas com o fenômeno da globalização:

Apesar da globalização apresentar uma tendência à homogeneização, ela põe em contato diversas modalidades culturais através, principalmente, desta conexão mundial operada pelos sistemas de comunicação. Modalidades culturais das mais diversas naturezas: música, culinária, moda, comportamento, valores, crenças etc. Este intercruzamento de culturas produz identidades culturais que não são fixas, mas que se encontram com diferentes tradições culturais, que são o resultado dos mais variados e complexos processos culturais. (DIAS, 2007, p 144).

A concepção de que não há identidades culturais fixas, tendo em vista o contato com outras culturas nos auxilia a entender porque os indígenas passaram por transformações. Luiz Catu, em evento na UFRN, falou que a sociedade passou 500 anos querendo que o índio vestisse *jeans*. Os indígenas hoje estão vestidos. A sociedade agora os quer pelados. A fala da liderança mostra transformações na identidade indígena a partir do contato com outras culturas.

Nesta perspectiva, vamos chegando ao conceito de hibridismo cultural abordado nos estudos em Folkcomunicação por Silveira (2007) o autor aborda a impossibilidade de se trabalhar com “os produtos da cultura contemporânea com categorias muito rígidas e acabadas”. Isso, pensando que os fenômenos atuais não estão bem delineados dentro de um compartimento ou parte da história. Há um intercruzamento de categorias, períodos, localidades, dentre outros fatores. Por isso, o autor traça críticas em estudos

que trabalham com dualidades, como, por exemplo: erudito x popular, tradicional x moderno.

Este conceito nos ajuda a não dissociar o indígena dos processos que estão acontecendo atualmente. Os índios são sujeitos ativos na sociedade, que transitam por diferentes ambientes e que absorvem, interagem e integram os frutos dessas mediações.

Estudos na área da Folkcomunicação atrelando a discussão da identidade indígena já foram realizados, como: o trabalho do Marinho e Rodrigues (2018) que analisaram a Folkcomunicação como discurso identitário através de um estudo sobre representação indígena nas canções de toada de Boi-Bumbá. Os autores constatarem que as manifestações culturais são elementos que preservam, mesmo que na oralidade, elementos importantes da tradição e da identidade de um povo.

Outro trabalho na área da Folkcomunicação que aborda a questão da identidade indígena e que resvala na questão contemporânea e o do Almeida; Brito e Guindani (2017) que tem como tema Folkcomunicação e experiência audiovisual na aldeia Kaingang. Neste trabalho buscou-se observar o indígena como protagonista de um processo audiovisual. Dessa forma, o próprio indígena passa se referenciar. Os autores abordam, ainda, a questão da conservação da memória da comunidade, através do recurso audiovisual.

Os trabalhos até aqui apresentados fazem parte da pesquisa bibliográfica que efetivamos no meio virtual e em bibliografia especializada. Neste sentido, não temos a pretensão de ter esgotado todos os trabalhos que já foram efetivados. A importância de nossa caminhada é a de que poderemos fazer reflexões pertinentes ao objeto o qual estamos debruçados no mestrado e pensar a Folkcomunicação junto a nossa problemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos neste trabalho ter atingido ao objetivo proposto que foi o de traçar um paralelo entre a sociologia dos sistemas de sinais abordados em Raymond Williams e a questão da identidade indígena.

Ao atingirmos esse objetivo, acreditamos ter colaborado para as discussões da identidade indígena nos dias de hoje, tendo em vista que esse é um dos assuntos pauta dos povos originários.

As pautas dos índios não são abordadas nem difundidas em grande escala, pela mídia hegemônica. Portanto, abordá-la nos espaço de visibilidade é contribuir para o fortalecimento desses povos tradicionais.

Vimos que os sinais contribuem para o direcionamento do entendimento sobre algo, mas que gera uma necessidade em que eles sempre existam para que dotemos de relevância aquilo que nos é mostrado. Dessa forma, acabamos produzindo invisibilidades e enquadramos certas manifestações como irrelevantes, apenas, pela ausência desses sinais.

A Folkcomunicação enquanto uma ciência que permite visualizarmos a comunicação dentro de processos de grupos marginalizados nos permite pensar determinada gamas de conceitos pertinentes a discussão da identidade indígena, tendo a comunicação como importante elemento de análise – o que dialoga intrinsecamente com o estudo que estamos capitaneando no mestrado.

Por fim, acreditamos que o estudo interessa a estudantes das ciências sociais, da comunicação e a interessados nas temáticas aqui abordadas e, sobretudo, aos indígenas que podem entender o processo de aculturação que são submetidos dentro da lógica da sociologia dos sistemas de sinais e/ou que queiram entender como a Folkcomunicação pode servir de aporte técnico-metodológico para auxiliar no processo de construção de mecanismo para difusão de suas vozes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristóvão Domingos; BRITO, Antônio Iraildo Alves; GUINDANI, Joel Felipe. Folkcomunicação e a experiência audiovisual na aldeia kaingang. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Volume 15. Número 35. 2017.

DIAS, Renata. Identidades Culturais. In: **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Org. Sérgio Luiz Gadini e Karina Janz Woitowicz. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

MARINHO, Adriano Pinto. A Folkcomunicação como discurso identitário: Uma Leitura da representação do Indígena nas toadas de Boi-Bumbá. In: XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação - Parintins - Amazonas, 2018. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/folkcom2018/trabalho/53788>>. Acesso em: 05/11/2018 às 14:48

SILVEIRA, Fabrício. Hibridismo Cultural. In: **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões.** Org. Sérgio Luiz Gadini e Karina Janz Woitowicz. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOITOWICZ, Karina Janz. Grupos Marginalizados. In: **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões.** Org. Sérgio Luiz Gadini e Karina Janz Woitowicz. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.